

Ética Animal



"EM BUSCA DE UMA ÉTICA ANIMAL"

Kelly
2011

Escola Secundária do Restelo

Marta Cardoso Francisco
11º E

É moralmente correcto sujeitar os animais a atrocidades em prol do desenvolvimento humano? Será correcta a utilização de animais para experiências? Até que ponto os animais devem ser sacrificados? Ou será que não devem de todo ser sacrificados? Será correcta a produção industrial de animais para alimentação? Que factores permitem ao homem considerar-se superior aos seres de outras espécies, nomeadamente aos animais? Devemos considerar os animais porque estes nos podem ser úteis ou apenas porque são seres vivos capazes de sentir dor? Será a superioridade humana inquestionável?

O ser humano preocupa-se apenas com os animais quando pode usufruir deles, não respeitando a sua integridade como seres vivos susceptíveis de sentirem dor ou prazer (seres sencientes).

Actualmente, a maioria dos argumentos justificativos do respeito animal prendem-se com o facto de o ser humano necessitar dos animais. Este pensamento remonta à antiguidade, pois já era considerado por muitos filósofos, nomeadamente por São Tomás de Aquino, filósofo cristão da era medieval, que considerava que o homem não devia tratar os animais de forma cruel, pois correria o risco de se tornar também cruel para os da sua espécie. Neste argumento é já visível a colocação do homem no centro do problema e não dos animais (ética antropocêntrica).

Também quando são colocados problemas como a extinção de espécies animais o problema não está centrado na perda da biodiversidade mas sim, mais uma vez, nos aspectos que o homem deixa de poder usufruir com a eliminação das mesmas espécies. De facto a perda da biodiversidade origina graves consequências para a espécie humana, como a destruição de cadeias alimentares, a perda de novos tratamentos para o cancro, a osteoporose e outras doenças... Actualmente, estima-se que 16000 espécies encontram-se em vias de extinção, sendo necessário ajudar a população a entender a dependência das economias e da vida humana da diversidade das

espécies. Mas não será também necessário pensar nos animais como um fim em si mesmo e não como meros meios?

A nossa cultura sempre discriminou a sua relação com os animais dando uma importância acrescida a factores como a alimentação, a moda ou o progresso, em relação aos aspectos morais e éticos, menos contabilizados.

No entanto filósofos como Peter Singer e Tom Regan defendem o respeito pela vida animal. Ao longo desta dissertação irei expor e confrontar as éticas defendidas por estes dois filósofos.

Mas, o que é a ética? A ética é um ramo da filosofia que estuda a natureza do que consideramos adequado e moralmente correcto, ou seja, a ética é portanto uma Doutrina Filosófica que tem por objecto a moral no tempo e no espaço, sendo o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta moral.

Peter Albert David Singer, filósofo e professor australiano, defende que os interesses de todas as espécies, tanto animais como humanas, devem ser considerados do mesmo modo, baseando-se no princípio da igualdade de consideração de interesses. Este princípio afirma que as preocupações pelos outros seres não dependem do seu aspecto nem das suas capacidades. O facto de os animais não pertencerem à espécie humana não é condição significativa para serem explorados, nem para que os seus interesses possam ser ignorados. Peter Singer argumenta que se utilizamos o princípio fundamental da igualdade na luta contra preconceitos, como o racismo ou a superioridade masculina, a base deste princípio não se pode aplicar apenas a seres humanos. Segundo este filósofo ao aceitar-se este princípio como a base moral das relações com os outros seres da nossa espécie, temos de o aceitar também como base moral sólida das relações que estabelecemos com aqueles que não pertencem à nossa espécie, os animais.

Também Jeremy Bentham, considerado por muitos o precursor do utilitarismo moderno defendia que “A questão não está em saber se eles (animais) podem pensar ou falar, mas sim se podem sofrer.”. Logo, podemos concluir que é a capacidade para sofrer a característica que confere a um ser o direito a ser considerado de forma igual, como defende Singer. Efectivamente, é o facto de os animais poderem sofrer que os faz terem interesses, nomeadamente o interesse directamente relacionado de não quererem sentir dor ou sofrimento. De facto, a dor e o sofrimento são sensações negativas que devem ser evitadas e minimizadas, independentemente da raça, sexo ou espécie dos que sofrem.

Relativamente às experiências com animais a maioria das pessoas pensa que todas as experiências servem para objectivos médicos vitais e que se podem justificar com base na ideia que aliviam mais sofrimento do aquele que causam, no entanto esta é muitas vezes uma crença errada. Por exemplo, muitos champôs e cosméticos são testados em animais. Uma prática comum é o teste de Draize, que serve para testar a irritabilidade dos produtos sendo colocadas substâncias concentradas nos olhos dos coelhos para a verificação dos efeitos secundários.

É muito difícil estimar o número de animais usados em testes de produtos comerciais, já que as empresas não são obrigadas a divulgar quaisquer números. No entanto, estima-se que mais de um milhão de animais morrem em testes de produtos em todo o mundo, todos os anos. O tipo de testes realizados é variado, indo desde o estudo dos efeitos dos produtos na pele e olhos, até testes de toxicologia. Entre os procedimentos experimentais inclui-se o afogamento, a asfixia, queimaduras, cegar animais, destruir as suas capacidades auditivas, danificar-lhes os cérebros, amputar-lhes membros, destruir-lhes órgãos, induzir ataques cardíacos, paralisias, entre outros... Marcas como a L’Oreal, a Johnson & Johnson, a Palmolive ou a Calvin Klein, entre outras, testam os seus produtos em animais. Mas em alguns casos os benefícios para a humanidade são nulos ou incertos, enquanto as perdas para os membros de outras espécies são certas e reais.

As experiências em animais violam o princípio da igualdade de consideração de interesses de todos os seres vivos. Apesar deste aspecto Peter Singer defende uma ética utilitarista considerando que não é imoral sacrificar um número reduzido de animais para salvar um número superior de pessoas (as consequências positivas têm que superar as perdas de vidas animais).

A utilização de animais para alimentação é a mais antiga e a mais difundida forma de utilização dos animais. Os animais criados para alimentar o homem são submetidos a condições de vida miseráveis pois as formas de criação intensiva moderna aplicam a tecnologia e a ciência em prol da atitude segundo a qual os animais são objectos para uso do ser humano. Peter Singer defende a diminuição do consumo de carne animal, sendo ele próprio vegetariano, e defende ainda que os animais devem ser criados nas condições mais naturais possíveis. Singer afirma que é um erro sacrificar importantes interesses do animal para satisfazer interesses menores da parte humana.

Pode-se concluir que para o filósofo Peter Singer o consumo de animais para a alimentação, a experimentação animal, o comércio de peles, os circos, as touradas, a caça e os jardins zoológicos são formas de especismo (preconceito que considera o ser humano superior a outras espécies) sistemático e em larga escala.

Outra perspectiva defende Tom Regan, conceituado defensor dos direitos animais. Para este filósofo a experimentação animal não é considerada aceitável em nenhum caso. De facto esta é a principal diferença entre Regan e Singer, para o primeiro a experimentação animal nunca deve ser utilizada enquanto para o segundo filósofo é moralmente aceitável se causar mais benefícios aos seres humanos do que prejuízos aos animais.

Tom Regan opõe-se ao argumento que demonstra os benefícios da vivisseccção animal (Argumento dos Benefícios), pois este apenas enumera correctamente os benefícios para a espécie humana, não fazendo o mesmo com os prejuízos animais. Este argumento também

pretende que os seres humanos acreditem que a experimentação animal é positiva e indispensável, no entanto não é esta a verdade pois, muitas vezes, não é correcto fazer extrapolações para os humanos de dados obtidos através de testes a animais (por exemplo muitos medicamentos não são tóxicos para os animais, mas são o para os humanos). Um dado esclarecedor é o facto de os medicamentos serem a quarta causa de morte nos Estados Unidos da América. Apesar de ser defendido que a experimentação animal permite melhorias na saúde, tal não é verdade pois as principais causas para o progresso ao nível da saúde humana foram a melhoria das condições de vida e as alterações na higiene pessoal e no estilo de vida do Homem.

Tom Regan defende que os animais têm um valor intrínseco e não podem ser desrespeitados, isto é, não podem ser considerados como simples meios para atingir um fim. Ao contrário de Singer, a teoria de Regan não é aplicável a todos os animais sencientes mas apenas àqueles que podem ser enquadrados como “sujeitos de uma vida”, ou seja aos animais que têm consciência que estão vivos, que temem a morte e tem preferências, por certas situações, evitando outras.

Regan é o principal defensor dos direitos dos animais afirmando que os direitos humanos e os direitos animais têm o mesmo fundamento, devendo ambos ser defendidos pela lei, pois ambos são seres autónomos e auto-conscientes. Estabelecendo a comparação entre as faculdades mentais dos seres humanos com as dos mamíferos (“animais superiores”), Darwin escreveu: “a diferença entre o homem e os animais superiores... é de grau, e não de género”. De facto enquanto sujeitos de uma vida os animais são nossos iguais, sendo esta semelhança e esta igualdade relevante do ponto de vista moral.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos do Animal, proclamada pela UNESCO em 1978, o Homem não tem o direito de explorar os animais (artigo 2), não devendo nenhum animal ser submetido nem a maus tratos nem a actos cruéis (artigo 3). Nesta declaração existe um artigo sobre a experimentação animal que defende que a experimentação animal que implique sofrimento físico ou

psicológico é incompatível com os direitos do animal, devendo ser utilizadas e desenvolvidas técnicas de substituição (artigo 8). Nesta declaração está também presente um artigo sobre o consumo de animais para alimentação defendendo que qualquer animal criado para alimentação deve ser alimentado, alojado, transportado e morto sem que disso resulte para ele nem ansiedade nem dor (artigo 9). No entanto Tom Regan defende que os animais não devem ser utilizados para a alimentação humana, sugerindo o vegetarianismo.

Da análise comparativa das duas éticas defendidas por Singer e por Regan, podemos concluir que os seres animais devem ser respeitados do mesmo modo que os seres humanos são respeitados, pois estes não são seres superiores, mas seres iguais. Os animais devem usufruir de condições propícias ao seu desenvolvimento e à sua integridade física, emocional e ambiental.

Os animais já “ajudaram” tanto o homem no seu processo de desenvolvimento que está na altura de os papéis se inverterm: em pleno século XXI não faz sentido existirem as crueldades a que os animais são sujeitos... Está na altura da mudança e qualquer um de nós pode ser responsável por essa mudança.

**“A grandeza de uma nação e o seu progresso moral pode-se julgar de acordo com
maneira como trata os seus animais.”**

Gandhi

Bibliografia:

Livros consultados

- **Singer, Peter** – “**Ética Prática**”, 1ª edição

Artigos consultados

- “Ética da pesquisa em modelos animais” (Internet)
- “Extinção de espécies põe em risco cura de doenças” (Meia Hora)
- “Ética e deontologia da comunicação – Peter Singer e a Ética Prática” (Internet)
- “Gaiolas Vazias – Os Direitos dos Animais e a Vivissecação” (Tom Regan)
- “Reflexões em torno de uma ética animal” (Internet)
- Declaração Universal dos Direitos dos Animais